

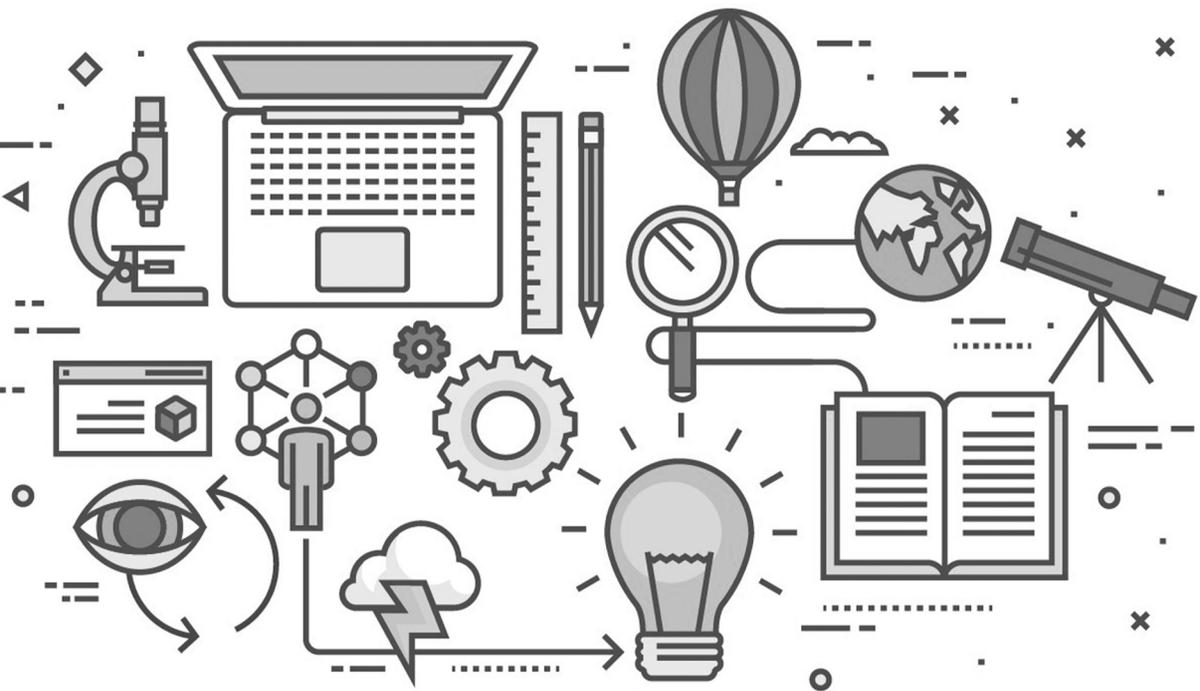


**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

2

Atena
Editora
Ano 2021



**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana 2

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^a Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da
sociabilidade humana

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P769 Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da sociabilidade humana 2 / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-724-6

DOI 10.22533/at.ed.246211601

1. Educação. 2. Políticas públicas. 3. Sociabilidade humana. 4. Diversidade. 5. Inclusão. 6. Gestão. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O presente livro, “Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana: Agendas Temáticas”, apresenta uma diversidade de leituras que valorizam a realidade empírica a partir de instigantes abordagens alicerçadas em distintos recortes teóricos e metodológicos, fundamentando-se em uma plural compreensão sobre o campo educacional *lato sensu*.

Estruturado em vinte e nove capítulos que mapeiam temáticas que exploram as fronteiras do conhecimento educacional, esta obra é fruto de um trabalho coletivo constituído pela reflexão de 53 pesquisadores oriundos nacionalmente das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste, bem como internacionalmente do Chile, Espanha e Portugal.

As análises destes capítulos foram organizadas neste livro tomando como elemento de aglutinação cinco eixos temáticos, os quais são identificados, respectivamente, por abordagens empíricas sobre: a) política educacional, b) gestão escolar, c) educação, diversidade e inclusão, d) educação especial, e, e) educação de jovens e adultos.

Com base nestes eixos temáticos, a presente obra coaduna diferentes prismas do complexo caleidoscópio educacional, caracterizando-se por um olhar que estimula a pluralidade teórica e metodológica, ao apresentar distintos estudos que visam em sentidos contraditórios, tanto, delimitar a fronteira disciplinar, quanto, ampliar a dinâmica fronteira multidisciplinar.

A construção epistemológica apresentada neste trabalho coletivo busca romper consensos, findando demonstrar a riqueza existente no anarquismo teórico e metodológico das Ciências da Educação em resposta à complexa realidade empírica, razão pela qual convidamos você leitor(a) a nos acompanhar à luz do ecletismo registrado nos estimulantes estudos empíricos deste livro.

Excelente leitura!

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

AGENDAS TEMÁTICAS

CAPÍTULO 1..... 1

ESCOLA SEM PARTIDO: INTENSIFICANDO A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA DA CONSCIÊNCIA

Matheus Eduardo Rodrigues Martins

DOI 10.22533/at.ed.2462116011

CAPÍTULO 2..... 16

MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E A PEC 55: DESAFIOS PARA O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Welline Dayane Reis Ribeiro

Antonio Paulino de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.2462116012

CAPÍTULO 3..... 24

INCOERÊNCIAS DA BNCC

Eduardo Ribeiro Mueller

Attico Inácio Chassot

DOI 10.22533/at.ed.2462116013

CAPÍTULO 4..... 40

A EDUCAÇÃO PÚBLICA BÁSICA E SEU FINANCIAMENTO NO ARAGUAIA MATOGROSSENSE

Odorico Ferreira Cardoso Neto

DOI 10.22533/at.ed.2462116014

CAPÍTULO 5..... 57

A UTOPIA E A CONTRADIÇÃO DA FORMAÇÃO INTEGRAL NO ENSINO MÉDIO: CONCEITOS E SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

Silvana Camargo de Castro

Eduani de Cássia Souza Teodoro

Thaís Oliveira Lima

DOI 10.22533/at.ed.2462116015

CAPÍTULO 6..... 67

APLICAÇÃO DO CURSO FIC EM AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE DAVINOPOLIS, ARAGUATINS - TO

Cleudiane Chaves da Silva

Kelly Cristina Figueiredo Guimarães

Késia Chaves da Silva

Mônica Santos Lopes Almeida

Thiago de Loiola Araújo e Silva

Waléria da Silva Nascimento Gomes

DOI 10.22533/at.ed.2462116016

CAPÍTULO 7	74
QUALIDADE EM EDUCAÇÃO E GESTÃO: QUE FATORES IMPLICAM?	
Bruna de Oliveira Santos	
Fernanda Ferreira dos Santos	
Rosângela da Silva Fernandes Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.2462116017	
CAPÍTULO 8	85
RECONHECENDO AS MELHORES PRÁTICAS DA LIDERANÇA DISTRIBUÍDA EM EQUIPE DE GESTÃO ESCOLAR MADRID	
Ingrid del Valle García Carreño	
DOI 10.22533/at.ed.2462116018	
CAPÍTULO 9	99
RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE SUPERVISORES E PROFESSORES NO COTIDIANO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES ADVINDAS DO ESTADO DA ARTE	
Luisienne Silva de Oliveira	
Maria Núbia Barbosa Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.2462116019	
CAPÍTULO 10	108
AS RELAÇÕES DO PROFESSOR COM O ALUNO EM PESQUISAS BRASILEIRAS (2008-2012): UM ABISSAL DE VIOLÊNCIAS	
Adriele Gonçalves da Silva	
Marilda da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.24621160110	
CAPÍTULO 11	122
A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR SOB A DEMOCRACIA UTÓPICA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI	
Tulane Silva de Souza Pedrosa	
DOI 10.22533/at.ed.24621160111	
CAPÍTULO 12	136
CIDADANIA: EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL	
Antonio Pedro Ferreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.24621160112	
CAPÍTULO 13	147
CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM OLHAR PARA OS PROJETOS PEDAGÓGICOS	
Dilson Henrique Ramos Evangelista	
Cristiane Johann Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.2462116013	
CAPÍTULO 14	156
A ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES SOBRE DIVERSIDADE E	

INCLUSÃO	
Sara Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.24621160114	
CAPÍTULO 15	168
PROJETO CLIQUE DA DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE VILA VELHA - ES	
Sônia Maria Dias	
Ivani Coelho Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.24621160115	
CAPÍTULO 16	174
LA INTERVENÇÃO DE MAUS TRATOS EM PESSOAS IDOSAS. PROMOÇÃO DO BOM TRATAMENTO AO IDOSO	
Rocío Cruz-Díaz	
DOI 10.22533/at.ed.24621160116	
CAPÍTULO 17	187
INCIDENTES CRÍTICOS EN LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DE FUTUROS PROFESORES. LA INCLUSIÓN EDUCATIVA: UN DESAFÍO	
Myriam Díaz Yáñez	
Jorge Alarcón Leiva	
DOI 10.22533/at.ed.24621160117	
CAPÍTULO 18	207
APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03 NO ENSINO DE REAÇÕES QUÍMICAS	
Leticia Maria Leda	
DOI 10.22533/at.ed.24621160118	
CAPÍTULO 19	216
A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NUMA ESCOLA PROFISSIONAL: PERSPETIVA DOS PROFESSORES	
Patrícia Joana Calixto	
José Brites Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.24621160119	
CAPÍTULO 20	228
ANÁLISE SOBRE OS ENTRAVES DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	
Cristiane Carminati Maricato	
DOI 10.22533/at.ed.24621160120	
CAPÍTULO 21	230
AS PERCEPÇÕES DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS SOBRE OS ASPECTOS QUE INFLUENCIAM A SUA PRÁTICA PROFISSIONAL NO ENSINO BÁSICO	
Camila Gasparin	
Lísia Regina Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.24621160121	

CAPÍTULO 22	237
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM PERSPECTIVA ENTRE AMBIENTES DE ENSINO: O BILINGUISMO NAS SALAS DE RECURSO E EM SALAS DE INCLUSÃO	
Éverton Bernardes Wenceslau Pâmela Cristina Pereira Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.24621160122	
CAPÍTULO 23	246
FAMÍLIA: PROGRAMA DE APRENDIZAGEM DE VIDA PRÁTICA PARA ADOLESCENTE SURDOCEGA	
Rita de Cássia Silveira Cambuzzi Maria da Piedade Resende da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.24621160123	
CAPÍTULO 24	255
O PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOEDUCACIONAL E ORIENTAÇÃO EM INDIVÍDUOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL	
Jéssica Araújo Carvalho Jassonia Lima Vasconcelos Paccini	
DOI 10.22533/at.ed.24621160124	
CAPÍTULO 25	265
PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO VISUAL PARA O ENSINO DA CLASSE GRAMATICAL ARTIGO PARA ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 2	
Telma Cedraz dos Santos Gláucio de Castro Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.24621160125	
CAPÍTULO 26	279
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NO IFSP DE CUBATÃO	
Gisele da Silva Pereira Wanda Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.24621160126	
CAPÍTULO 27	286
TRABALHO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM COMBATE A EVASÃO	
Silvana Azevedo Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.24621160127	
CAPÍTULO 28	295
TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA: ÊNFASE NAS APRENDIZAGENS PELOS EDUCANDOS	
Helena Silva de Oliveira Maria Betanea Platzer	
DOI 10.22533/at.ed.24621160128	

CAPÍTULO 29.....	307
ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DO LAZER JUNTO A GRUPOS MARGINALIZADOS E DESQUALIFICADOS SOCIALMENTE	
Matheus Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.24621160129	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	315
ÍNDICE REMISSIVO.....	316

CAPÍTULO 10

AS RELAÇÕES DO PROFESSOR COM O ALUNO EM PESQUISAS BRASILEIRAS (2008-2012): UM ABISSAL DE VIOLÊNCIAS

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 05/10/2020

Adriele Gonçalves da Silva

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Instituto de Biociências de Rio Claro
São Paulo, São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/2012994334262304>

Marilda da Silva

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Instituto de Biociências de Rio Claro
Araraquara, São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/0432607332289452>

RESUMO: A violência em espaço escolar encontra-se no debate mundial devido a seu volume e recorrência, como afirma o relatório da UNESCO (2017). O Brasil faz parte dessa conjuntura. O objetivo é mostrar o que dizem pesquisas brasileiras sobre a violência cometida por professores contra alunos em sala de aula, tendo em vista apreender características da produção da violência da escola. Fontes: pesquisas brasileiras produzidas de 2008 a 2012 em Programas de Pós-Graduação em Educação. Metodologia: Recursos da Análise de Conteúdo. Fundamento da explicação: categoria violência da escola, produção da violência, processo civilizador. A violência por professores está na contramão das expectativas esperadas

de a escola contribuir para a promoção de um processo civilizador da cultura da paz.

PALAVRAS-CHAVE: Violência da escola; professores e alunos; processo civilizador.

THE INTERACTIONS BETWEEN TEACHERS AND STUDENTS IN BRAZILIAN RESEARCHES (2008-2012): A HUGE NUMBER OF VIOLENCE

ABSTRACT: Violence in schools is part of the global debate due to its growth and frequency, as stated in the report of UNESCO (2017). Brazil has also taken part of it. The goal is to clarify what Brazilian researchers say about the violence committed by teachers against students in the classroom, focusing on understanding the characteristics of the school violence production. Sources: Ten Brazilian researches produced from 2008 to 2012 in Post-Graduation Programs in Education. Methodology: Content Analysis Resources. Theoretical basis: school violence category, violence production, civilizing process. Violence committed by teachers opposes the expectations in which the school contributes for the promotion of a civilizing process of the culture of peace.

KEYWORDS: School violence; teachers and students; civilizing process.

1 | INTRODUÇÃO

Reconhecida como um grave problema social a violência em espaço escolar tem sido amplamente debatida por pesquisas nacionais e internacionais (UNESCO, 2017; ABRAMOVAY,

2005; DEBARBIEUX e BLAYA, 2002) preocupadas com os desdobramentos dessa violência para o desenvolvimento da formação escolar e social de crianças e jovens/adolescentes ao redor do mundo e, conseqüentemente, para o desenvolvimento social como um todo. No Brasil, conforme Sposito (2001), a temática só alcançou significativa visibilidade a partir da década de 1980, associada principalmente ao aumento do reflexo da violência urbana e social que assolava as grandes cidades (A autora realizou uma revisão bibliográfica de pesquisas sobre violência e escola produzidas no Brasil, no período de 1980 até os anos 2000). Neste período, as pesquisas voltavam-se apenas para o mapeamento das ocorrências mais evidentes do fenômeno, como as violências praticadas contra a escola por meio de depredações dos prédios escolares, dos furtos e das invasões de pessoas sem vínculo com a instituição. Já nas décadas seguintes, 1990 e 2000, os estudos foram ampliados e novas formas de violência passaram a ser analisadas. Tais como a violência entre alunos caracterizada, principalmente, pelo *bullying*, e a violência entre alunos e professores. A violência em espaço escolar passou, assim, a ganhar genuinidade como objeto de estudo e sua consolidação se deu, sobretudo, pela produção de um conjunto expressivo de Dissertações e Teses no campo educacional e pela promoção de grandes levantamentos nacionais sobre a situação da violência nas escolas brasileiras (SPOSITO, 2001).

Os resultados alcançados por essas pesquisas ao longo desse período evidenciam que a violência tem feito parte do cotidiano de escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas, com a manifestação de atos violentos de diferentes naturezas que podem estar ligados a fatores externos e internos à instituição escolar. Nessa direção, Laterman (2003, p. 199) indica que “o estudo sobre violência no meio escolar nos remete à compreensão, por um lado, da violência em nossa sociedade e, por outro, das singularidades do meio escolar”. No que diz respeito à própria instituição um quadro geral desses resultados mostra que o desvelamento das práticas e relações sociais produzidas na escola e pela escola, com ênfase nas formas violentas de sociabilidade entre alunos e entre estes e professores pode ser o fio condutor para a compreensão do fenômeno, bem como para pensar sua prevenção e erradicação. Em nossas pesquisas (Silva, A., 2015; Silva, M.; Silva, A., 2018a, 2018b; SILVA, M., 2013) - realizadas no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Escolarizada e Violência em espaço escolar (devidamente registrado e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq e liderado pela Profa. Dra. Marilda da Silva) - temos mostrado como a violência está presente na relação professor-aluno, especificamente, no que se refere à participação de professores na constituição da violência em espaço escolar. Deste modo, o objetivo desta reflexão é mostrar o que dizem pesquisas brasileiras sobre a violência cometida por professores contra alunos em sala de aula, tendo em vista a participação dos mesmos na constituição da violência manifestada em espaço escolar. Ressalta-se, que o objetivo proposto consiste em apresentar uma sistematização do que pesquisas brasileiras evidenciam como sendo

violência cometida por professores contra alunos. Para pensar a sistematização dessa face da violência em espaço escolar, recorreremos às categorias analíticas apresentadas por Bernard Charlot (2002, 2005) quais sejam: a) violência na escola; b) violência à escola; d) violência da escola. A ‘violência na escola’ é entendida pelo autor como uma violência que acontece “dentro da escola”, mas que não está diretamente relacionada com a natureza e as práticas da instituição. Por um lado, neste caso, a escola se configura apenas como o lugar onde a violência ocorreu, ou seja, os atos de violência na escola podem acontecer e acontecem em diferentes lugares. Sob este aspecto, a violência não tem, necessariamente, origem no espaço escolar, mas fora dele como, por exemplo, a invasão de pessoas estranhas à escola para “acertos de contas” cuja origem está além dos muros escolares. Por outro lado, a “violência na escola” também pode estar relacionada às atividades da escola, por exemplo, as ameaças para que o colega deixe colar na prova (CHARLOT, 2005). Já a ‘violência à escola’ é dirigida, especificamente, contra a escola física e os agentes que a representam (professores, coordenadores, diretores e demais funcionários). Essa violência é perpetrada por alunos pela destruição do patrimônio escolar e por atos de violência contra o professor e demais funcionários. Ela acontece, por exemplo, “quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam” (CHARLOT, 2002, p.434). Por sua vez, a ‘violência da escola’ é cometida pela escola e pelos agentes que a representam (professores, diretores, coordenadores e demais funcionários) contra os alunos. Segundo o autor, trata-se de uma violência simbólica e/ou institucional que ocorre de modos variados: composição das classes, atribuição de notas, orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas. Portanto, nesta categoria, a violência é produzida pela própria escola e por aqueles que a representam e se manifesta “sob várias formas, desde a bofetada até a chamada violência simbólica” (CHARLOT, 2002, p. 434). Charlot (2002) ressalta, como querem os sociólogos franceses, que classificações dessa natureza são essenciais para introduzir certa ordem na categorização dos fenômenos considerados como violência em espaço escolar, pois a partir dela é possível reconhecer as violências que permeiam as relações sociais e pessoais dentro de tal espaço, considerando os diferentes agentes envolvidos e a complexidade em que o fenômeno se constitui. Sendo assim, a categoria violência da escola é um recorte teórico-metodológico do conteúdo da temática violência em espaço escolar. E, neste caso, trata-se da violência cometida por professores contra alunos em sala de aula. Mas, há que se dizer que embora seja um recorte de uma temática, há movimento entre ela e as outras categorias mencionadas, sempre que necessário para o bem do desenvolvimento de explicações a respeito do tema violência em espaço escolar.

A apresentação desta pesquisa está exposta pelos seguintes itens: depois desta introdução, vêm a apresentação dos procedimentos metodológicos, a apresentação da análise dos dados e, por fim, as considerações finais.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem quanti-qualitativa, cuja análise dos dados se deu por meio de uma inflexão à técnica Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977). Segundo essa autora (1977, p. 42), a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações que visam a “[...] obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. De acordo com o nosso objetivo a referida técnica foi empregada em todos momentos de análise, desde a escolha das fontes até a categorização/interpretação dos dados. Iniciamos, assim, pela escolha das fontes: teses e dissertações produzidas no Brasil de 2008 a 2012 nos Programas de Pós-Graduação em Educação que versam sobre a temática: violência em espaço escolar. O recorte temporal, de oito anos atrás, diz respeito ao marco da revisão bibliográfica sistemática que viemos fazendo para configurar, no final, o estado da arte sobre a respectiva temática. Contudo, de lá para cá a violência em espaço escolar vem diversificando as formas e aumento a recorrência. Além disso, escolhemos iniciar pelo ano de 2008, pois no período em que a pesquisa foi realizada, 2013, o sistema de busca, do Banco de Teses da CAPES, disponibilizava somente dissertações e teses defendidas até o ano de 2012.

A localização dessas pesquisas se deu, portanto, no Banco de teses e dissertações disponibilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a partir do uso dos seguintes descritores: violência escolar; violência na escola; violência e escola; violência e educação; e violência da escola. Ao todo foram localizadas 63 pesquisas na área da Educação dentro do período delimitado, sendo 8 teses e 55 dissertações. Contudo, tendo em vista o nosso objetivo de analisar somente a violência cometida por professores contra alunos, seguimos com a seleção das pesquisas. Para tanto, lançamos mão da categorização de Bernard Charlot (2002, 2005) para classificar apenas as pesquisas que disponham de dados sobre violência da escola. Tal refinamento se deu pela leitura completa das 63 pesquisas, seguida da identificação das unidades de sentido que tratavam da violência da escola. Com a leitura das teses e dissertações, verificamos que as noções de violência na escola, violência à escola e violência da escola eram utilizadas como uma importante referência teórica e metodológica. Porém, apenas 10 pesquisas investigaram a violência da escola, sendo que nenhuma delas tratou especificamente da violência cometida por professores contra alunos, algumas fazem rápidas referências a isso. Dessa forma, nosso conjunto de fontes ficou composto por sete pesquisas de mestrado e três de doutorado, defendidos nos anos de 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012.

Na extração e organização dos dados (categorização) foram feitos o recorte e o

agrupamento das unidades de contexto, que corresponde, conforme Bardin (1977), à codificação das unidades de registro à luz das categorias definidas para a simplificação dos dados brutos. Que, neste caso, foi o da categoria violência da escola quando cometida por professores. As unidades de contexto foram compostas do seguinte modo: consultou-se as 10 fontes e delas se extraiu informações explícitas sobre a violência cometida por professores contra alunos em sala de aula. Essas informações foram agrupadas nas seguintes subcategorias: a) os tipos de violência cometidas por professores contra alunos; b) os motivos da violência por professores, e c) as consequências da violência por professores e possibilidades de sua erradicação.

3 | A VIOLÊNCIA COMETIDA POR PROFESSORES CONTRA ALUNOS EM SALA DE AULA EM PESQUISAS BRASILEIRAS (2008 - 2012)

No que concerne à noção de violência da escola vimos que as pesquisas fazem alguns acréscimos e aprofundamentos à definição feita por Bernard Charlot, conforme as necessidades analíticas que lhes foram apresentadas. Para Elias (2009) e Costa, P. (2011), a violência da escola remete a práticas de autoritarismo ou à relação de dominação da escola para com os alunos, objetivada por meio da aplicação de normas institucionais ou pelo modo como o corpo docente e funcionários tratam os alunos. Nesse sentido, Prioto (2008, p. 66) revela que a violência da escola é manifestada pela “manutenção de uma postura autoritária de professores, de diretores e de supervisão da prática escolar diária”. Segundo Costa, J. (2011, p. 38), essa violência “materializa-se por meio dos mitos, ritos, símbolos, imagens e práticas sociais que discriminam, humilham, controlam, obrigam e excluem” os alunos. Elias (2009) acrescenta que a violência da escola perpassa todas as outras e pode assumir várias configurações, sejam elas implícitas ou explícitas. Trata-se, portanto, da violência produzida pela escola que se manifesta, sobretudo, pela violência simbólica legítima de imposição do saber escolar. A violência simbólica é compreendida pelas pesquisas, de modo geral, como uma violência institucional própria do funcionamento e da ação pedagógica da escola, enquanto instituição inculcadora de um arbitrário cultural (BOURDIEU e PASSERON 2011). Ou seja, a escola é violenta na medida em que impõe ao aluno, por um poder simbólico, uma cultura que não é a sua, mas a da classe dominante. Conforme as pesquisas, a violência simbólica está na base das relações de poder no espaço escolar, dissimulando o reconhecimento da realidade objetiva. A violência simbólica “é aceita, incorporada e reproduzida pelas pessoas, sem, na maioria das vezes, a percepção da sua existência” (COSTA, J., 2011, p. 216). Ela é, pois, este poder invisível que faz com que os agentes escolares a vejam como natural nas relações constitutivas da formação social.

Dentre as formas de violência simbólica e institucional destacadas pelas pesquisas estão: imposição cultural, determinismo social, frágeis canais de diálogo entre escola e

aluno, inexistência de Projeto Pedagógico, reprodução conteudista de valores estranhos à cultura dos alunos, exclusão social, impedimento da participação do aluno no processo democrático de gestão escolar, reprovação injusta dos alunos, normas e regras pouco difundidas e decididas unilateralmente, regulamentos opressivos, currículo e sistema de avaliação inadequados à realidade da comunidade escolar, quando não há espaço para o aluno expressar o que pensa, omissão das necessidades dos alunos, rotular os alunos de repetentes e assim por diante. Nas pesquisas, a violência simbólica e a institucional somadas a outros tipos de violência não física e física são exercidas por professores, coordenadores pedagógicos, merendeiras, faxineiras, auxiliares de disciplina e diretores. Contudo, os professores são identificados pelas pesquisas como os principais agentes agressores da violência da escola. A seguir, traremos as informações que mostram detalhadamente o conteúdo da violência cometida por professores contra alunos extraídas das 10 pesquisas fontes.

a) Os tipos de violência cometidos por professores contra alunos

Os tipos de violência cometidos por professores contra alunos abordados pelas pesquisas versam sobre a violência de natureza física e não física. Adotamos do trabalho de Costa, J. (2011) a definição destas violências. Sobre a violência física a autora destaca:

[...] a violência física consiste no uso intencional, não acidental, da força, e se manifesta, principalmente, através de agressões como tapas, murros, maus-tratos que provocam lesões, ferimentos, fraturas, queimaduras, hematomas, podendo levar até a morte. [...] A violência física é acompanhada pelo medo, pelo terror, pela submissão, pelo espanto, pela vergonha moral, pelo sofrimento psíquico, constituindo-se ao mesmo tempo em violência psicológica. (COSTA, J., 2011, p. 33)

Já a violência não física pode ser entendida como:

A violência não física pode ser classificada em violência psicológica, violência verbal, violência simbólica, dentre outras. [...] a violência psicológica pode ser traduzida em uma relação de poder desigual e arbitrária entre a vítima e o perpetrador. Ela resulta da tentativa do perpetrador de degradar ou controlar outra pessoa por meio de condutas de desrespeito, intimidação, chantagem, ofensa, manipulação, ameaça, desqualificação, desvalorização, humilhação, estigmatização e isolamento ou qualquer conduta que prejudique a saúde psicológica da vítima. Diferente da violência física, a violência psicológica não deixa traços visíveis no corpo, mas destrói a autoimagem, a autoestima e a autoconfiança do violentado, causando-lhe prejuízos, muitas vezes irreparáveis. A violência verbal, por sua vez, está relacionada às situações de ameaças, xingamentos, palavrões, ideias preconceituosas e discriminatórias. A violência simbólica consiste em outra forma de violência não física e é, também, psicológica, embora vá além desta, uma vez que envolve outros elementos, clareando as relações implícitas e explícitas, na escola, além de mostrar a organização desta escola, do ponto de vista dessas relações de poder. (COSTA, J., 2011, p. 33)

Os dados das pesquisas mostram que as violências de natureza não física são manifestadas por: conversa agressiva com o aluno, respostas grosseiras, apontar erros do aluno na frente de toda a sala, ofensas, expressões inapropriadas, discussão, palavras duras, gritos, piadas maldosas, profecias negativas sobre o futuro profissional dos alunos, xingar, expulsar o aluno da sala de aula, expressões de desestímulo, impedir a participação dos alunos na dinâmica da sala de aula, postura autoritária, violência psicológica, falsas acusações, tratar mal os alunos, discriminação, postura agressiva, postura corporal ameaçadora, pressão psicológica, abuso de poder, indiferença com as necessidades dos alunos, práticas repressivas, pressão sobre os alunos, ameaças, omissão, colocar o aluno para trabalhar, não deixar o aluno falar dentro da sala de aula, ignorar os questionamentos do aluno a respeito do conteúdo, preconceito, excluir o aluno, não ouvir o que os alunos têm a dizer, não permitir que o aluno expresse seu ponto de vista, utilizar a avaliação como um meio de castigar o aluno, abuso de autoridade, imposição de valores, expor o aluno a situações vexatórias e humilhantes, gesto obsceno e *bullying* docente.

Verificamos, desse modo, que as formas de violência usadas pelo professor dizem respeito, sobretudo, a práticas de autoritarismo e de discriminação social. A partir do contexto das pesquisas, é possível inferir que a violência do professor ocorre no ambiente da sala de aula em meio a uma relação professor-aluno baseada no exercício de práticas autoritárias que excedem o poder legítimo delegado ao professor. Couto (2008) ressalta que a violência da escola por professores é objetivada pelo “abuso” de poder mediante o uso de símbolos de autoridade. Igualmente os alunos pesquisados por Costa, J. (2011) representam o professor como aquele que abusa do poder e da autoridade. Esse autoritarismo do professor é percebido pelo modo agressivo com que trata seus alunos e pelas ações disciplinares de controle do comportamento durante as atividades escolares. No que diz respeito às práticas de ameaça as pesquisas revelam que os professores as utilizam para reprimir o aluno que não realiza as atividades escolares ou que apresenta comportamento inadequado. Os professores ameaçam os alunos de suspensão, abaixar nota, reprovação, chamar os pais, tirar pontos, fazer uma prova difícil e levar para a direção. Sobre essa postura autoritária Couto (2008) ressalta que a imposição da autoridade do professor em sala de aula favorece a posição de submissão do aluno diante do professor, inibindo a livre expressão do aluno em relação ao questionamento dos direitos e deveres de cada um, bem como sua participação ativa no processo educativo. Nesta relação qualquer questionamento à autoridade docente pode ser visto como um desrespeito e uma ameaça ao professor e à sua posição. Para a autora, o não questionamento da autoridade do professor configura uma violência sobre o aluno e impossibilita o diálogo entre professores e alunos.

Outrossim, as palavras duras, grosseiras ou rudes são apresentadas nas pesquisas como a violência mais comum praticada por professores e, normalmente, são proferidas para toda a turma ouvir, o que deixa o aluno em uma situação absolutamente constrangedora,

umentando a possibilidade de reação à agressão. Pesquisas como as de Cardoso (2011) e C zar (2008) revelam que a discrimina o por professores pode constituir-se também em práticas de *bullying* contra o aluno. Cardoso (2011) observou durante sua pesquisa que o *bullying* estava presente na rela o professor-aluno através do modo como o professor se dirigia a determinados alunos regularmente. Todas as professoras pesquisadas por C zar (2008) admitem que o relacionamento com os alunos   conturbado, ríspido e às vezes agressivo. A autora identificou que as professoras apresentam no cotidiano da sala de aula um tom de voz áspero e uma postura corporal ameaçadora, ao expressarem palavras como: “você   sem-vergonha”, “preguiçoso”, “não quer saber de estudar”, “deixe seu lugar para outro”. C zar (2008) atribui que metade das professoras que pesquisou apresenta atitudes violentas e práticas de bullying contra seus alunos. Tais atitudes mostram a manifesta o de raiva, nervosismo, irrita o e agressividade das professoras diante de um conflito em sala de aula. As mães de alunos entrevistadas pela autora mencionam que seus filhos reclamam, constantemente, da postura agressiva de professores. Segundo elas, as mães, alguns professores são agressivos para responder aos alunos, apontam os erros do aluno para a sala toda, não deixam o aluno falar e fazem acusa es injustas. A negligência também aparece nas pesquisas como uma violência que o professor expressa pela falta de compromisso deste com o ensino em sala de aula, com as necessidades dos alunos e com a falta de professores. Na concep o dos alunos pesquisados por Costa, J. (2011), a violência da escola por professores se objetiva pela falta de compromisso de alguns professores em rela o aos conteúdos de suas disciplinas. Eles se queixam de que os professores tratam de outros assuntos em sala de aula que não dizem respeito exatamente   disciplina que ministram, o que os incomodam profundamente e os prejudicam no ponto de vista da aprendizagem. As violências físicas aparecem nas fontes apenas nas defini es dos tipos de violência e não são mencionadas, em nenhum momento, como uma violência praticada por professores. Dessa forma, podemos concluir que, nesta análise, a violência não física   o principal tipo de violência praticado por professores. O que não anula a existência de violências físicas praticadas por eles.

b) Os motivos da violência por professores contra seus alunos

Nas pesquisas, a violência da escola cometida pelo professor acontece pelos seguintes motivos: quando o aluno questiona o professor sobre o conteúdo da disciplina, quando o professor tenta controlar o comportamento do aluno, quando o aluno discorda do professor e fala em sala de aula, para manter a ordem e disciplina dentro da sala de aula, conten o da indisciplina e agressividade dos alunos, impasses entre professores e alunos, ao separar briga de alunos, para o professor se fazer respeitado, falta de respeito para com o professor, para controlar a turma, ao enfrentar algum episódio de violência em sala de aula, conversas paralelas, bagunça dos alunos, rea o ao comportamento grosseiro e relapso do aluno, impaciência do professor, em momento de raiva, momento

de nervosismo e irritação do professor diante de uma situação de conflito, dificuldade na relação professor-aluno, falta de normas mais nítidas e trabalhadas no cotidiano e mau humor do professor. Além do mais, outros tipos de violência cometida pelo professor são motivados por preconceitos em relação à realidade social, étnica, cultural e econômica dos alunos, bem como às dificuldades escolares dos mesmos. Foram identificadas nas pesquisas práticas de discriminação contra alunos homossexuais, negros, com deficiência, pela aparência física, pela religião e pelo desempenho escolar. Os alunos pesquisados por Cézar (2008) evidenciam que a discriminação por parte do professor manifesta-se através do olhar, do silêncio, da rejeição, pela falta de aproximação e pela indiferença. A discriminação é percebida, sobretudo, a partir do tratamento que os professores dispensam aos alunos considerados bonitos e bem arrumados. Associada às práticas de discriminação estão também as profecias negativas que os professores fazem sobre o futuro dos alunos, os desestimulando a estudar e minando seus sonhos e esperanças de futuro. Em seu estudo Saul (2010) identificou na fala dos professores, um olhar preconceituoso em relação aos seus alunos, proferido através de juízos de valores negativos sobre a vida futura dos mesmos. Há, ainda, professores que não acreditam no potencial de seus alunos e verbalizam este descrédito constantemente com palavras ou expressões que os impedem de avançar nos estudos. Isto ocorre principalmente com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou com os considerados “maus” alunos.

c) As consequências da violência por professores e sua erradicação

A violência por professores, além de humilhar, causa medo, insegurança, raiva e vergonha entre os alunos. Estes tendem a reagir à violência sofrida com outra violência, fugir das aulas ou faltar à escola. Esses sentimentos podem causar a repetência e evasão escolar, a desmotivação permanente dos alunos pelos estudos, a baixa estima dos alunos, o fracasso escolar e a falta de interesse dos alunos em permanecer na escola. Em relação aos próprios professores as pesquisas mostram que eles se sentem angustiados por desconhecer outras possibilidades de atuação pedagógica diante das dificuldades de seu cotidiano em sala de aula. Se sentem, igualmente, cansados, estressados, desanimados, desrespeitados e desvalorizados por seus alunos e pela sociedade. Sobre a erradicação dessa violência em espaço escolar as pesquisas dizem muito pouco. Apenas mencionam que essa violência por ser naturalizada na relação professor-aluno não conta com medidas de prevenção. Identificam, todavia, que a violência da escola por professores pode ser uma reação ao desconhecimento de possibilidades de resolver um conflito em sala de aula por outras vias que não seja a da agressão. Há professores que dizem tratar o aluno do jeito que o aluno o trata e que depende do comportamento deste. Sendo assim, quando o aluno é violento, o professor também pode ser com ele. O que reforça o desconhecimento de professores de outras possibilidades de atuação pedagógica.

Nota-se, que as relações do professor com o aluno em sala de aula podem ser

permeadas por atos de violência que expressam, sobretudo, características de uma relação de dominação, em que o professor manifesta um poder autoritário, arbitrário e violento. Nesse sentido, o que as fontes revelam são práticas que não condizem com a autoridade legítima do exercício da profissão docente. Segundo Aquino (1998), o sentido do termo autoridade remete a:

[...] ideia de exercício outorgado de poder, portanto, um exercício de direito. Mais especificamente, trata-se da delimitação de uma jurisdição/domínio – institucional, evidentemente – ou até mesmo de uma espécie de arbitragem ou comando, concedida a partir da autorização/permissão de outrem, que se efetiva de acordo com o crédito (ou consideração/influência/importância) atribuído àquele, portanto, um exercício de direito legitimado (AQUINO, 1998, p.15).

Assim, as práticas violentas por professores apontadas pelas fontes é o exato contrário da autoridade inerente ao trabalho docente. Tais práticas manifestam uma relação de excesso de poder ou, como mencionam as pesquisas, um abuso de poder do professor que tenta valer a sua autoridade por meio de expedientes violentos. De acordo com Santos (2009), a violência como excesso de poder impede o reconhecimento do outro mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano e configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea. As práticas discriminatórias reveladas pelas fontes acentuam a presença evidente da violência nas relações do professor com o aluno, o que reforça a necessidade, ao nosso entendimento, de uma compreensão detalhada dessas relações tendo em vista os tipos de comportamentos de professores que reforçam práticas de violência e, conseqüentemente, contribui com a produção e o aumento da violência em espaço escolar de modo geral.

A esse respeito, Veiga (2009), em um estudo histórico sobre o processo de constituição das relações do professor com o aluno na escola brasileira, mostra que essas relações foram engendradas em práticas de violência, principalmente, na forma de castigos corporais. Ao investigar as alterações nos comportamentos de alunos e professores a autora constatou que as relações do professor com o aluno foram, ao longo do tempo, sendo transformadas rumo a uma crescente civilização dos hábitos de conduta. Ainda no século XIX diferentes marcos legais e discussões pedagógicas começaram a ressaltar a importância de os professores buscarem desenvolver condutas civilizadas no trato com seus alunos. Esse movimento em torno da conduta dos professores em relação aos alunos ocorreu juntamente com o processo de alteração das concepções pedagógicas disciplinares que despontava no cenário educacional brasileiro naquele tempo. Contudo, a autora ressalta que foi nas primeiras décadas do século XX que as alterações na conduta dos professores e alunos seguiram de fato atitudes mais pacificadas (VEIGA, 2009). Essas mudanças vieram associadas à elaboração de dispositivos civilizadores que deram continuidade às preocupações iniciadas no século XIX. Entre estes dispositivos

há o desenvolvimento de conhecimentos científicos acerca das crianças e as exigências de novos cuidados com a infância, que contribuiu significativamente para transformar as relações de interdependência entre adultos e crianças. E outros relacionados às inovações pedagógicas e curriculares que dominaram o cenário educacional brasileiro.

Com as mudanças e transformações ocorridas neste tempo passou-se a estranhar a violência como mediadora das relações entre adultos e crianças, e, igualmente, entre professores e alunos. Veiga (2009) destaca que essas mudanças se fizeram numa direção específica rumo à civilização dos costumes, como desenvolvido por Norbert Elias. Para este autor a civilização dos costumes corresponde a um longo processo de transformações amplas, contínuas e de longa duração nas estruturas do comportamento e da personalidade dos indivíduos e, igualmente, nas estruturas sociais, que permitiram e permitem o desenvolvimento de *habitus* sociais comuns para o convívio social pacífico. Este movimento de transformações diz respeito ao que Norbert Elias denominou de processo civilizador e que, por sua vez, corresponde:

[...] a um percurso de aprendizagem involuntária pelo qual passa a humanidade. Começou nos primórdios do gênero humano e continua em marcha, com inúmeras vicissitudes, no presente momento. Não há fim à vista. Só a direção é clara (ELIAS, 2006, P. 36-37). [...] consiste principalmente na mudança estrutural ocorrida em pessoas na direção de maior consolidação e diferenciação de seus controles emocionais e, por conseguinte, de sua experiência e de sua conduta (ELIAS, 1994, p. 216)

O estranhamento causado diante da violência manifestada entre professores e alunos é, portanto, o resultado dessas mudanças/transformações civilizatórias ocorridas desde o século XVI, cuja direção está voltada para o maior controle e autocontrole das emoções e da conduta. Entre outros aspectos, o desenvolvimento do processo civilizador significou e significa uma crescente pacificação nos modos de estabelecer relações entre os indivíduos. Conforme Elias (1994), essa tendência civilizatória tem permanecido preponderante até os nossos dias e as mudanças nas relações do professor com o aluno seguiu este fluxo histórico como mostrou Veiga (2009). Entretanto, os dados que as pesquisas atuais trazem sobre violência em espaço escolar, especificamente, sobre a violência cometida por professores contra alunos, parecem dizer o contrário. Elias (2006) salienta em seus estudos que embora o processo civilizador tenha se mostrado dominante no curso da história, ele se desenvolve em constante embate com contra processos descivilizadores. Segundo o autor o que determina a direção de um processo social são as características das transformações ocorridas nas condutas dos indivíduos vivendo em sociedade. Sendo assim, as mudanças/transformações nos comportamentos sociais podem seguir tanto em direção a civilização como em direção a descivilização, a depender de suas características. O que torna o cenário da violência em espaço escolar preocupante quando se tem em perspectiva que a produção e reprodução de comportamentos violentos

podem indicar mudanças na direção do processo civilizador. E que tal direção pode ser a da descivilização. A presença marcante da violência na relação do professor com o aluno em nossos tempos intensifica ainda mais esta possibilidade, na medida em que padrões de condutas, comportamentos e sentimentos são resultantes da aprendizagem e da experiência de uma longa cadeia geracional de transmissão de conhecimento. A qual a escola ocupa um lugar de destaque por ser uma instituição destinada à formação de novas gerações.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que os dados aqui apresentados mostram claramente que a violência por professores vai à contramão das expectativas esperadas de a escola contribuir para a promoção de um processo civilizador da cultura da paz. Nesse sentido, aprofundamentos sobre as características dos comportamentos relacionais de professores para com seus alunos efetivados no âmbito da sala de aula mostram-se fundamentais para se pensar nas contribuições que a instituição escolar vem oferecendo ao processo civilizador de modo geral, tendo em vista suas implicações nas direções que o mesmo pode seguir: civilização ou descivilização. Não há como negar que os dados aqui apresentados mostram que na escola brasileira se produz um abissal de violências, e que todos são perdedores: alunos e professores!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 19, n. 47, p.7-19, dez. 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARDOSO, Maria Genilda Marques. **Práticas de gestão da unidade escolar utopia e o fenômeno da violência escolar**. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

CÉZAR, Neura. **Bullying: preconceito, estigmas e desafios da educação para a paz**. 2010. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

CHARLOT, Bernard. Prefácio. In: ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

_____. **Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** *Sociologias*, Porto Alegre, n.8, p.432-443, jul./dez. 2002.

COSTA, Jaqueline Batista de Oliveira. **Adolescência e Violência escolar:** das representações sociais às propostas de prevenção. 2011. 331 f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

COSTA, Polyana Andreza da Silva. **Violência no cotidiano escolar:** a visão de professores que atuam no Ensino Fundamental de escolas públicas do Município de Corumbá-MS. 2011. 263 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2011.

COUTO, Maria Aparecida de Souza. **Violências e gênero no cotidiano escolar:** um estudo de caso em uma escola da rede pública estadual sergipana. 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.). **Violências nas escolas:** dez abordagens européias. Brasília: UNESCO, 2002.

ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência escolar e implicações para o currículo:** o projeto pela vida, não à violência - tramas e traumas. 2009. 294 f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LATERMAN, Ilana. Considerações sobre violência e incivilidade no meio escolar. In: CAMACHO, Thimoteo (Org.). **Ensaio sobre violência.** Vitória: EDUFES, 2003.

PRIOTTO, Elis Palma. **Violência escolar:** políticas públicas e práticas educativas. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.

RIBEIRO, Rudinei. **Políticas de Formação de professores e violências nas escolas:** representações sociais de professores da escola básica. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Curitiba, 2012.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Violências e Conflitualidades.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

SAUL, Léa Lima. **Escola e Violência:** representações sociais de um grupo de educadores de escolas públicas estaduais de Cuiabá - MT. 2010. 235 f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010

SILVA, Adrielle Gonçalves da. **Percepções de professoras e professores sobre a violência que viveram na família e na escola:** analisando a violência da escola. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, São Paulo, 2015.

SILVA, Marilda da; SILVA, Adrielle Gonçalves da. Professores e Alunos: o engendramento da violência da escola. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 471-494, jun. 2018.

_____. **Sutilezas da naturalização / Reconhecimento da violência:** violências na família, violências em espaço escolar. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018b.

SILVA, Marilda da. A Violência da Escola na Voz de Futuros Professores: uma probabilidade da produção da cultura da violência em ambientes escolares?. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 339-353, jul. 2013.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p.87-103, jan. 2001.

UNESCO. **School violence and bullying**: global status report. Paris: UNESCO, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2017.

VEIGA, Cynthia Greive. Elaboração de hábitos civilizados na constituição das relações entre professores e alunos (1827 - 1927). **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 21, p. 61-92, set./dez. 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 67, 68, 69

Aluno 7, 53, 61, 69, 79, 80, 81, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 154, 158, 159, 163, 165, 166, 217, 218, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 229, 230, 233, 234, 235, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 257, 258, 269, 270, 272, 273, 276, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 305

Análise de conteúdo 108, 111, 216, 223, 230, 232, 235

Aprendizagem 2, 6, 13, 15, 25, 29, 30, 34, 35, 37, 61, 68, 69, 70, 80, 82, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 118, 119, 152, 159, 163, 207, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 229, 234, 235, 237, 238, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 256, 258, 268, 270, 278, 279, 280, 282, 289, 294, 295, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 304, 305

Avaliação psicoeducacional 255, 257, 258, 259, 261, 262

B

Bilinguismo 237, 238, 240, 241, 243

BNCC 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Brasil 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 80, 108, 109, 111, 121, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 148, 152, 167, 170, 173, 207, 208, 214, 215, 228, 230, 231, 235, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 246, 255, 258, 259, 263, 264, 269, 270, 271, 273, 277, 278, 279, 281, 282, 289, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 307, 308, 310, 314

C

Capitalismo 8, 14, 17, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 145, 146

Cidadania 18, 22, 26, 29, 70, 76, 125, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 154, 168, 170, 173, 174, 228, 233, 302, 315

Comunicação 4, 36, 53, 55, 127, 142, 152, 173, 219, 233, 235, 237, 239, 240, 241, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 256, 260, 261, 267, 269, 271, 286, 290, 302, 308, 309, 310, 315

Consciência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 43, 127, 128, 140, 149, 170, 208, 213, 233, 239, 309, 312

Criança 62, 63, 125, 132, 236, 239, 247, 248, 257, 261, 262, 271, 281, 310

Curso 10, 14, 67, 68, 69, 70, 75, 76, 99, 100, 101, 118, 145, 148, 152, 153, 155, 196, 200, 212, 214, 217, 222, 223, 233, 245, 256, 270, 271, 274, 276, 278, 279, 280, 282, 283, 284, 285, 301

D

Deficiência 35, 103, 116, 156, 161, 164, 228, 229, 241, 247, 255, 256, 257, 258, 259, 262, 263, 264, 288, 289

Democracia 40, 55, 78, 79, 82, 84, 97, 122, 130, 138, 146, 170

Discente 277, 293

Diversidade 24, 28, 34, 35, 36, 48, 55, 63, 82, 152, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 218, 219, 249, 297, 298, 299, 302, 305, 310

Docente 9, 11, 37, 77, 79, 96, 103, 105, 112, 114, 117, 119, 149, 160, 167, 188, 189, 191, 194, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 210, 213, 215, 276, 295, 297, 300, 302, 303, 304

E

Educação 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 111, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 132, 133, 134, 135, 136, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 169, 170, 173, 174, 184, 205, 207, 208, 209, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 252, 253, 254, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 271, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 288, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306, 308, 309, 311, 312, 313, 314, 315

Educação do campo 24, 32, 35, 36, 39, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155

Educação inclusiva 71, 156, 158, 161, 162, 163, 167, 216, 218, 219, 220, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 243, 244

Educação profissional e tecnológica 58, 63, 65, 280

Educadores 7, 10, 11, 12, 54, 58, 93, 97, 120, 148, 152, 178, 208, 213, 214, 226, 227, 261, 263, 275, 297, 298, 300, 301, 303, 304, 306, 311

EJA 212, 283, 285, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306

Ensino 2, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 71, 77, 80, 81, 82, 99, 100, 104, 105, 115, 119, 120, 125, 132, 133, 144, 149, 152, 153, 154, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 207, 208, 209, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 241, 242, 244, 248, 249, 250, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 269, 270, 271, 272, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 283, 284, 285, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305

Ensino de química 207, 209, 214, 215

Ensino religioso 25, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Ensino superior 10, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 54, 62, 64, 105, 166, 212, 234, 283, 290, 301

Escola 1, 2, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 19, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 43, 44, 45, 49, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 100, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 129, 130, 132, 144, 149, 151, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 184, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 231, 232, 233, 234, 241, 242, 244, 257, 258, 267, 268, 270, 271, 276, 278, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298, 299, 300, 302, 303, 305, 312, 315

Escolarização 43, 47, 52, 54, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 301, 302

Escola sem partido 1, 2, 7, 10, 11, 12, 13, 294

Estudante 2, 22, 33, 154, 169, 170, 265, 274, 275, 276

F

Família 81, 105, 120, 125, 134, 151, 160, 223, 246, 247, 250, 252, 253, 254, 259, 260, 285, 289

Financiamento 8, 18, 19, 21, 22, 40, 41, 42, 44, 45, 48, 50, 52, 55, 56, 141, 304

Formação 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 20, 24, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 48, 49, 51, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 103, 106, 109, 112, 119, 120, 125, 128, 134, 137, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 161, 169, 170, 172, 208, 213, 214, 217, 218, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 232, 233, 234, 237, 239, 244, 254, 262, 264, 269, 270, 275, 277, 280, 281, 285, 294, 295, 297, 298, 300, 301, 303, 304, 306, 313, 314

G

Gestão 37, 45, 48, 49, 52, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 113, 119, 154, 221, 224, 284, 315

I

Ideologia 6, 7, 13, 14, 15, 18, 27, 65, 74, 84, 125, 129, 131, 137, 149, 281

Idoso 174, 259

Inclusão 33, 35, 48, 54, 55, 122, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 253, 259, 263, 269, 277, 302

Intervenção 8, 29, 42, 138, 139, 140, 150, 174, 250, 251, 252, 257, 258, 260, 307, 310, 311, 312, 313

L

Libras 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 251, 252, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 275, 276, 277, 278

Liderança 85, 97, 223

Língua 25, 32, 127, 142, 165, 222, 231, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 251, 252, 254, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 276, 277, 278

M

Mercantilização 13, 16, 17, 18, 22, 34

N

Necessidades educativas especiais 216, 218, 219, 227

O

Orientação educacional 286, 289, 290, 294

P

Paulo Freire 122, 123, 133, 136, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 287, 297, 299, 304, 306

PEC 55 16, 17, 19, 20, 22, 38

Políticas públicas 13, 14, 26, 28, 40, 41, 44, 45, 48, 52, 54, 97, 120, 143, 156, 158, 191, 277, 304, 305, 308, 310, 315

Práticas educativas 48, 120, 216, 219, 223, 225, 241

Professor 1, 10, 11, 14, 21, 26, 29, 31, 32, 33, 37, 38, 45, 52, 67, 81, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 153, 166, 168, 169, 171, 172, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 244, 254, 267, 276, 280, 295, 296, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306, 315

Projeto pedagógico 69, 113, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 286

Psicologia 1, 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 223, 244, 253, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 263, 290, 294, 308

R

Reações químicas 207, 209, 210, 211

Relação pedagógica 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Religião 116, 130, 170

S

Supervisor 99, 100, 101, 102, 106

Surdo 230, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 277, 284

V

Violência 82, 83, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 128, 129, 139, 157, 158, 163, 174, 293, 309, 310

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

2


Ano 2021

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

2


Ano 2021